

ENTRE CORPOS, ROUPAS E IMAGENS: A (RE)PRODUÇÃO DAS NORMATIVIDADES NA MODA.

Caroline Barreto de Lima.

Universidade Federal da Bahia – UFBA. Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade – FFCH
demodee@gmail.com

Resumo

Historicamente os movimentos sociais e artísticos sempre foram vistos como campos distintos para provocação de mudança social. Artistas negras (os) geralmente relatam que a trajetória de vida e o lugar de existência interpenetram-se de maneira a atrelar às produções artísticas às demandas políticas. Nesse texto pretendo debater como a moda se caracteriza como um campo de materialização das normatividades de gênero, raça e sexualidade e numa perspectiva interseccional, considerando indissociáveis o debate sobre tais marcados sociais da diferença, pensar a relação entre moda e ativismo.

Palavras-chave: Moda, aparência, raça/etnia, gênero/sexualidade.

Como posso trabalhar com Moda no contexto das Relações Raciais no Brasil? Pensando numa perspectiva interseccional, sendo mulher, negra e nordestina - dentre tantos outros marcadores sociais da diferença - como posso minimamente contribuir ao enfrentamento às matrizes produtoras da desigualdade, atuando num campo de criação visto como fútil, desnecessário e supérfluo?

São esses os questionamentos que me chegam de vários campos com os quais dialogo e que me estimulam a produzir a partir da reflexão sobre a relação entre imagem e autoestima nos processos de auto reconhecimento, especialmente dentre mulheres negras. Tenho experimentado como a Moda e todas as limitações que esse modelo impõe, pode contribuir para criar novas condições para a formação de uma diferente gramática para conceituar, refletir e informar a existência negra como uma existência política.

Se as imagens que nos rodeiam exibem o racismo e heterocisnormatividade (VERGUEIRO, 2014) como aspecto definidor dos padrões aceitáveis de humanidade, bondade e beleza, é por meio delas mesmas que penso a importância das estratégias de desconstrução e reconstrução da imagem de pessoas negras no Brasil, especialmente das mulheres negras. Tal possibilidade se efetiva a partir de uma leitura crítica das formas de produção de conhecimento, arte e política que nos são ofertadas, percebendo como são passíveis de reforçar a branquitude como modelo e prática que se instala desde a colonização. A feminista estadunidense bell hooks (2005) faz essa provocação no texto ‘Alisando nossos cabelos’:

(...) São nossos corpos os que freqüentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração”. Assim essa autora, muitas intelectuais negras brasileiras têm pautado o corpo, a aparência, as artes e a estética como um campo de disputa que não pode ser subestimado. (HOOKS, 2005, p.7)

Glória Jean Watkins (Hopkinsville, 1952-), mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks (escrito em minúsculas por opção política), é uma intelectual estadunidense, feminista e ativista social, cuja produção tem incidido sobre a interconexão entre raça, capitalismo e gênero, que ela descreve como um trinômio capaz de produzir e perpetuar os sistemas de opressão e dominação de classe. Nesse texto bell hooks relata sua experiência como mulher negra frente às pressões de adequação ao padrão de branquitude:

Dentro do patriarcado capitalista – o contexto social e político em que surge o costume entre os negros de alisarmos os nossos cabelos –, essa postura representa uma imitação da aparência do grupo branco dominante e, com freqüência, indica um racismo interiorizado, um ódio a si mesmo que pode ser somado a uma baixa auto-estima. Durante os anos 1960, os negros que trabalhavam ativamente para criticar, desafiar e alterar o racismo branco, sinalavam a obsessão dos negros com o cabelo liso como um reflexo da mentalidade colonizada. Foi nesse momento em que os penteados afros, principalmente o black, entraram na moda como um símbolo de resistência cultural à opressão racista e fora considerado uma celebração da condição de negro (a). (HOOKS, 2005, p. 3)

Diante disso, nos carece questionar porque os corpos, seus adornos e vestes são centrais nas estratégias de controle e coação social, bem como servem a indústria como mote de exploração econômico-financeira extremamente rentáveis, e nossos cabelos são graves exemplos disso. A naturalização das diferenças entre os seres humanos - fruto do racismo científico e de outras produções que podemos chamar por analogia de “misoginia científica” - é uma questionável estratégia para marcar sujeitos “normais” e superiores aos “outros”, como uma identidade oculta e universal. Assim, pensar o papel da moda como produção de sentido e significado, bem como seu papel suplementar em relação ao corpo está para além da inútil tentativa de separação entre natureza x cultura.

Como expressão de discursos, das maneiras de pensar, desejar e agir de uma comunidade ou grupo, a cultura midiática e a comunicação, também por meio das constituições da moda e da aparência, constroem realidades e subjetividades. Como esfera de manipulação de elementos de representação da ideologia dominante, seus textos, linguagens e discursos nos orientam a reproduzi-los de maneira acrítica e ao conseqüente reforço da superioridade de características dos grupos privilegiados socialmente e impositores de padrões machistas, sexistas, misóginos, racistas, lesbo-homo-trans-fóbico e cis-heteronormativos.

Diante disso, estando ciente de que para se unirem práticas feministas à produção científica devemos passar pelo acionamento da reflexão acerca das interseccionalidades entre os marcadores, como defende Avtar Brah (1996), como elementos produtores de culturas e formas de produção de conhecimento específicas que podem e devem trilhar por caminhos emancipatórios.

Com base nesse pensamento interseccional e articulando essa reflexão às produções da *teoria queer* junto aos textos de Judith Butler (2004), podemos pensar nas possibilidades de desconstrução dos padrões hegemônicos nesse contexto, quando a autora afirma que o gênero “é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.” (BUTLER, 2010, p. 59). Tal provocação incorpora uma reflexão acerca da predominância nos discursos androcêntricos de um apelo à favor da natureza como preponderante à compreensão da construção cultural dos corpos e da sua mobilidade plástica, ao reconhecer a produção sócio-histórica da heterossexualidade compulsória como uma força motriz da estereotipização das expressões individuais, apontando como um elemento constritor da história de vida de milhares de pessoas.

Partindo da minha trajetória individual e profissional, aos enfrentamentos no âmbito prático da moda, vejo se materializarem as estratégias de invisibilização que a estrutura racista da sociedade brasileira continua a produzir. Como criadora de moda autoral, me inspiro a continuar trabalhando num universo limitado e excludente, pela possibilidade de expressar por meio da moda, interpretações sobre negritude e brasilidade sob a perspectiva do meu pertencimento, materializando e construindo através da visualidade da roupa, dos espetáculos cênicos que as contextualiza, de processos criativos e produtivos respeitáveis, o desafio de expressar as referências culturais que me ajudam a reconhecer e celebrar a minha ancestralidade e reconhecer outras vozes culturais subalternizadas.

Para Lélia Gonzalez umas das problemáticas existente no Brasil em relação a mulher negra “é o fato de como em muitos outros lugares a figura da mulher negra está relacionada com a servidão, a subordinação.” (GONZALEZ, 1980, p.32). Assim, os objetivos dessa pesquisa visam contribuir para o debate sobre o conceito de moda sob a perspectiva do Feminismo Negro e Interseccional, situando tais análises para além da sua materialização no âmbito do vestuário, mas principalmente como linguagem, produção de sentido e significado na expressão de caracteres de gênero, sexualidade, identidade afetivo-sexual e raça/etnia, tanto por meio dos corpos como no *design* de moda.

O Feminismo Negro nasce no contexto da Terceira Onda do Feminismo, cujo período de surgimento na década de 1990 emerge em meio às críticas às lacunas criadas no âmbito da luta Feminista proposta pelas mulheres brancas e de classe média, elaborando questionamentos sobre a categoria unitária mulher e criticando no contexto do Movimento Negro a unidade de pensamento sobre racismo. Segundo Patricia Hill Collins, o ponto de vista das mulheres negras é definido a partir da opressão por nós vivida, ou seja, a partir do lugar que ocupamos na estrutura social. “A experiência de ser mulher negra difere do que é ser mulher e de quem não é negro.” (COLLINS, 1989).

As feministas negras provocaram esse pensamento sobre interseccionalidades desde que a noção da especificidade de cada experiência como base para produção de conhecimento, arte e cultura foi um tema de interesse de muitas ativistas e artistas como Audre Lorde (1934 - 1992), uma escritora caribenha-estadunidense, poeta e ativista, que nos seus ensaios debatia questões como racismo, feminismo, sexualidade. Lorde focou a discussão sobre diferença não somente entre grupos de mulheres, mas também em diferenças conflitivas no campo do individual: "Eu sou definida como Outro em cada grupo que eu faço parte" (LORDE, 1985, p.12), assim defendia que o sexismo e o hetero-cissexismo eram nascidos da mesma fonte do racismo e que ao mesmo tempo não existem hierarquias de opressão. Audre Lorde e outras intelectuais negras produzem conhecimento defendendo que a planificação das diferenças resulta no silenciamento de experiências específicas e por isso nos é útil o que mais tarde será cunhado como conceito de interseccionalidade:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177)

Pensar as questões raciais, sociais e étnicas, tornou-se um eixo de importância fundamental para os feminismos. Ser mulher não significa a mesma coisa para uma latina, para uma africana e para uma norte-americana de classe média (Davis, 1981). Não há, portanto, uma teoria feminista que acolha tudo o que pode ser dito sobre a mulher ou as mulheres, e nenhum enunciado do discurso feminista tem a pretensão validade universal. Seguindo as palavras de Anne McKlinton (1995), “as experiências vivenciadas por meio dessas categorias não são dissociadas uma das outras, e muito menos podem ser combinadas como se fossem um “lego”. Por esse motivo, devemos pensá-las como categorias articuladas, que existem de forma relacional e contextual”.

Como mulher negra e criadora, tenho inevitavelmente pensado sobre as interseccionalidades para refletir sobre a moda e a centralidade do corpo e conseqüentemente da aparência como uma

fronteira dos padrões impostos socialmente, desconstruindo a idéia de sociedade como entidade autônoma, interpretando a potência da criatividade a partir do campo das batalhas discursivas e das relações de poder características desse universo, tentando compreender a potência dessa linguagem como forma de contribuir para se reinventar e ressignificar os estigmas atribuídos às mulheres negras no Brasil articulando o debate feminista interseccional com o campo da moda:

Algumas pessoas me perguntam: ‘Por que usar a palavra feminista? Por que não dizer que você acredita nos direitos humanos, ou algo parecido? Porque seria desonesto. O feminismo faz, obviamente, parte dos direitos humanos de uma forma geral – mas escolher uma expressão vaga como ‘direitos humanos’ é negar a especificidade e a particularidade do problema de gênero. Seria uma maneira de fingir que as mulheres não foram excluídas ao longo dos séculos. Seria negar que a questão de gênero tem como alvo as mulheres. Que o problema não é ser humano, mas especificamente um ser humano do sexo feminino. Por séculos, os seres humanos eram divididos em dois grupos, um dos quais excluía e oprimia o outro. É no mínimo justo que a solução para esse problema esteja no reconhecimento desse fato. (...) A cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte de nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura’.
(ADICHIE, 2015, p.27)

Diante disso venho pensando, como podemos pensar a moda como um campo de atuação política? Quais as relações entre moda e ativismo político? Quando pensamos nas minorias em representatividade e na importância do *design* de moda como elemento discursivo ou de expressão dos marcadores sociais da diferença? Focando nos processos criativos e nas metodologias de planejamento de coleção em design de moda, como se materializam demandas políticas por meio da artisticidade da moda?

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos Todos Feministas*. Tradução:Christina Baum. 1a ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2015

BRAH, Avtar. *Diferença, diversidade, Diferenciação*. Cadernos Pagu (26), São Paulo, janeiro-junho de 2006: p.329-376.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. *Undoing gender*. Nova Iorque: Routledge, 2004.

COLLINS, Patricia Hill. *The Social Construction of Black Feminist Thought*. In: JSTOR. Common Grounds and Crossroads: Race, Ethnicity, and Class in Women’s Lives. 4. ed. Chicago: The University Of Chicago Press, 1989. p. 745-773.

CRENSHAW, Kimberlé. *Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero*, Estudos feministas 1, p.171-189, 2002

DAVIS, Angela Y. *Women, Race and Class*. New York, NY: Random House, 1981.

GONZALEZ, Lélia. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. In: IV Encontro Anual da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. 1980, Rio de Janeiro. Grupo de trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. Rio de Janeiro: ANPOCS, 1980. p. 223 - 245.

hooks, bell. *Alisando nossos cabelos*. Revista Gazeta de Cuba – União de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso- cabelo.html

LORDE, Audre (S/D). *Textos escolhidos de Audre Lorde*. Herética difusão lesbofeministas independente. Organizado por Difusão Herética. Edições lesbofeministas independentes, 1985. Disponível em www.difusionfeminista.wordpress.com

MCCLINTOCK, Anne. *Imperial leather: race, gender and sexuality in the colonial contest*. New York: Routledge, 1995.

VERGUEIRO, Viviane. *Pela descolonização das identidades trans**. Anais do VI Congresso Internacional de Estudos sobre a Diversidade Sexual e de Gênero da ABEH. Salvador: Volume 1, Número 1, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/1a9bt4h>. Acessado em: 03.10.2014